

CAIRO 100

190				

Eleição causa racha em tribo

Enfrentamento entre facções rivais provoca fuga de 250 caingangues da área de Inhacorá, em São Valério do Sul

FOTOS RENOR SAMPAIO/ZH

ISAURA DANIEL

São Valério do Sul

O resultado da eleição para a prefeitura de São Valério do Sul, no noroeste do Estado, foi o estopim para que uma tribo de índios caingangues se dividisse.

Desde segunda-feira, cerca de 250 dos 750 caingangues que integram a Área Indígena de Inhacorá, negam-se a voltar para a aldeia depois que suas casas e pertences foram destruídos. Eles acusam companheiros de reserva pela depredação.

O grupo que apoiou o candidato a prefeito Antônio Soares de Oliveira (PDT), derrotado no pleito, não teria gostado da comemoração da facção que fez campanha para o vitorioso, Ari Bartsch (PMDB). Os pedetistas são acusados de depredar 17 residências na noite de domingo. Amedrontados, cerca de 80 famílias passaram a noite num matagal das proximidades. Na manhã seguinte, o grupo retirou-se de Inhacorá, em protesto contra o quebra-quebra.

— Eles jogaram pedras e paus em cima das casas — relata Carlos Charque, 36 anos, partidário da coligação PMDB-PPB, que abandonou a reserva com a mulher e três filhas.

A candidatura de dois caingangues à Câmara de Vereadores também colaborou para a divisão dos dois grupos. O indígena Danilo Gerônimo (PPB) elegeu-se vereador com 89 votos pela coligação Unidos para Progredir (PMDB-PPB), enquanto o cacique João Camargo (PDT) conseguiu uma vaga no Legislativo com 101 votos.

Reunião de conciliação patrocinada por autoridades foi adiada para hoje

Até a tarde de ontem, as famílias dissidentes permaneciam acampadas no Salão da Comunidade Nossa Senhora de Fátima, na localidade de Luminata. Varais improvisados nas árvores e a espera por alimentos da prefeitura faziam parte da realidade enfrentada pelas famílias. Depois de enfrentar três noites longe de casa — uma no mato, outra na beira da estrada e uma terceira sob a chuva —, o grupo ainda achava que vale a pena lutar pelo direito de votar sem sofrer retaliações.

Conforme o caingangue Virgílio Camargo, o grupo dissidente propõe nova eleição para cacique da reserva. Outra hipótese seria a formação de uma nova comunidade dentro da reserva. Os líderes que ficaram na área não concordam com a divisão, embora admitam discutir a antecipação da eleição para cacique. Um novo encontro para discutir o caso, previsto para o final da tarde de ontem, foi transferido para hoje.

— Estamos esperando que eles voltem — diz João Camargo, que reassumiu o cargo de cacique esta semana.



Medo: Charque (D) deixou a reserva depois de ver as casas de companheiros serem atacadas por membros da facção rival

Índios têm tradição política no município

Os habitantes da Área Indígena de Inhacorá começaram a participar da vida política de São Valério do Sul assim que o município se emancipou.

Desde a primeira administração, eleita em 1992, a reserva teve representantes eleitos para o Poder Legislativo.

O caingangue Pedro Fongue (PMDB) ocupou uma das nove cadeiras da Câmara entre 1993 e 1996, e o caingangue Danilo Gerônimo (PPB) sucedeu-o na atual legislatura. A reserva tem 280 eleitores, volume que pesa na escolha de administradores e legisladores de um município com 1.829 pessoas aptas a votar e pouco menos de 3 mil habitantes.

Desde a criação do município, a prefeitura de São Valério do Sul vinha sendo administrada pelo PDT, partido

do cacique João Camargo. Na urna da reserva, a sigla venceu a coligação Unidos para Progredir por 20 votos na eleição para prefeito.

Cacique vê divisão política entre índios como natural

A militância política está presente na área indígena em forma de propaganda partidária nas casas simples de madeiras das 170 famílias. Camargo lamenta que o desentendimento tenha ocorrido no domingo, mas vê a existência de duas facções políticas dentro da área indígena como normal.

— É como em qualquer sociedade — diz Camargo.

O cacique, 41 anos, nasceu em São Valério do Sul e está estabelecido na reserva como agricultor, com a mulher e seis filhos. Ele cultiva milho, feijão, arroz e soja numa área de 10 hectares de terra. Conseguiu se eleger

vereador no dia 1º, na terceira tentativa consecutiva.

O procurador da República Osmar Veronese acredita que os conflitos e os excessos vividos na reserva em função da política são os mesmos que o restante da sociedade vive. Ele informa, porém, que no caso de Inhacorá a bebida alcoólica foi determinante para que houvesse desavenças.

Veronese acompanhou a reunião com os dois grupos de caingangues, à qual também esteve presente o representante da Fundação Nacional do Índio (Funai) Jaci Sbardelotto, na quinta-feira. Conforme o procurador, os índios que deixaram a aldeia discutem a possibilidade de ingressar na Justiça para pedir indenização pelos bens destruídos pelo grupo rival.

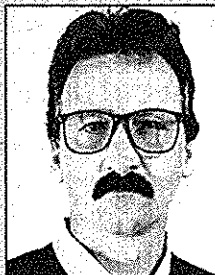
— Se criassem uma nova comunidade, eles estariam sedimentando a divisão — opina Sbardelotto.

CAIROLOO

					1

ENTENDA O CASO

O enfrentamento entre as duas facções caingangue em São Valério do Sul começou no último dia 1º:



1º DE OUTUBRO

Os índios da Área Indígena Inhacorá, em São Valério do Sul, dividem-se na eleição para prefeito entre os candidatos Ari Bartsch, da coligação Unidos para Progredir (PMDB-PPB), e Antônio Soares de Oliveira (PDT).

Bartsch é eleito para a prefeitura. O cacique João Camargo (PDT) e o índio Danilo Gerônimo (PPB), ambos de Inhacorá, conquistam vagas na Câmara de Vereadores. Ao comemorar o resultado, partidários de Camargo depredam casas de simpatizantes de Bartsch. Os moradores atacados refugiam-se no mato, onde passam a noite.



2 DE OUTUBRO

Parte das famílias cujas residências foram depredadas desloca-se para a localidade de Santo Antônio, enquanto o grupo rival continua promovendo destruição. No final da tarde, os que se retiraram da reserva acampam à beira da estrada, na localidade de Luminata.

3 DE OUTUBRO

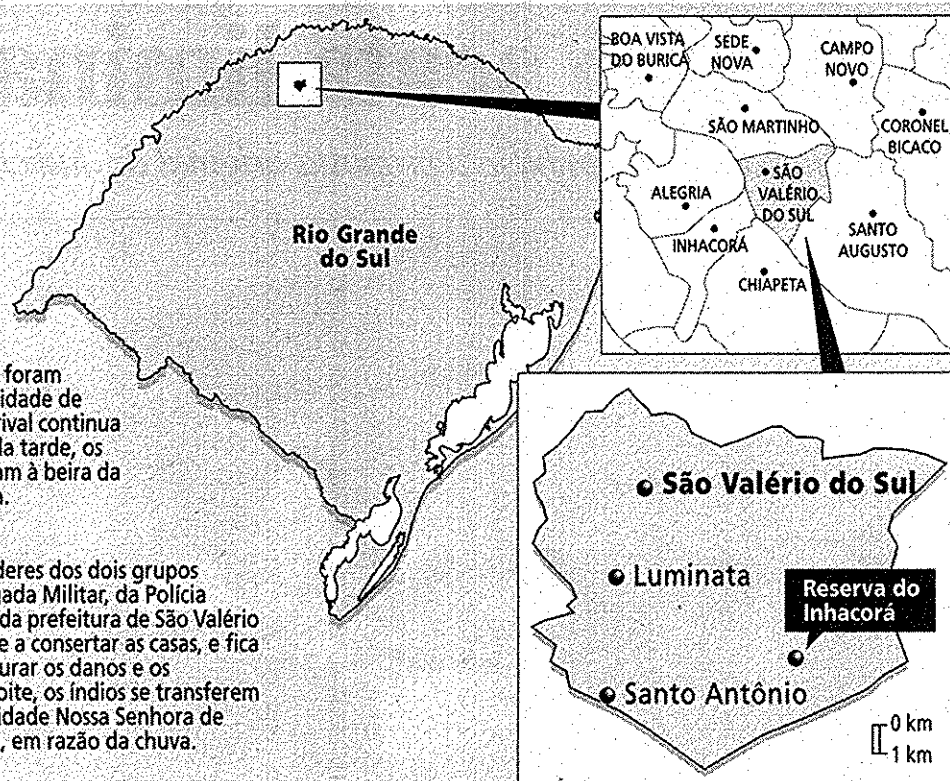
Ocorre a primeira reunião entre líderes dos dois grupos indígenas e representantes da Brigada Militar, da Polícia Federal, da Funai de Passo Fundo e da prefeitura de São Valério do Sul. A prefeitura se compromete a consertar as casas, e fica acertado que uma comissão vai apurar os danos e os responsáveis pela depredação. À noite, os índios se transferem da estrada para o salão da Comunidade Nossa Senhora de Fátima, na localidade de Luminata, em razão da chuva.

4 DE OUTUBRO

O grupo permanece alojado no salão, enquanto a prefeitura abastece a comunidade com alimentos. Não há entendimento.

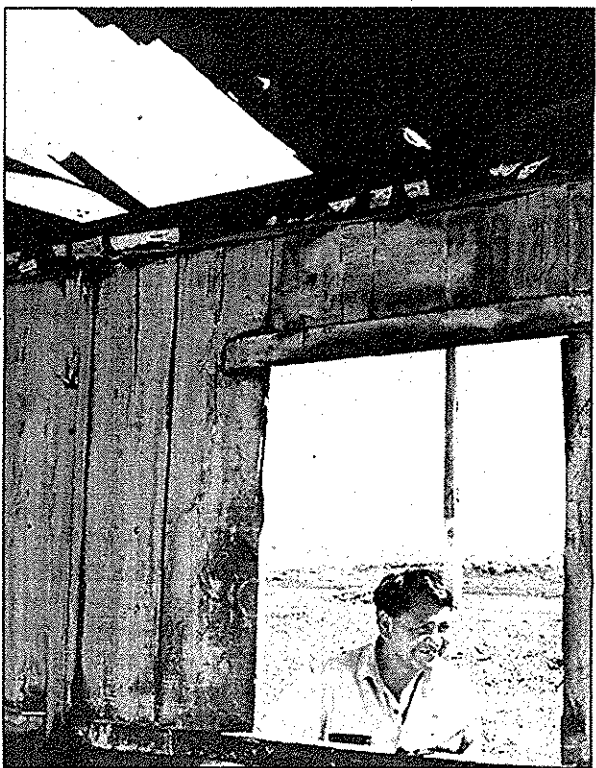
5 DE OUTUBRO

Ocorre nova reunião entre as duas facções, a Brigada Militar, a Polícia Federal, a Funai de Passo Fundo, a prefeitura e o procurador da República de Santo Ângelo, Osmar Veronese. Os índios que ficaram na reserva pedem o retorno de quem se retirou. Os expulsos, por sua vez, pedem nova eleição para cacique e o reparo dos danos nas residências.



A RESERVA DE INHACORÁ

Índios: caingangues
População: 750 índios
Famílias: 170
Eleitores: 280
Área: 2.843 hectares
Infra-estrutura: 170 casas, uma escola, um posto de saúde
Produção agrícola: 2 mil sacas de soja e 3 mil sacas de milho (ano)
Localização: município de São Valério do Sul, noroeste do Estado



Destruição: o enfrentamento destruiu tetos de casas

Choques são comuns entre caingangues

DULCI EMERIM

Disputas pelo poder são uma tradição na cultura caingangue. Toda aldeia tem origem em um grupo dissidente que foi expulso ou optou por fugir para não se submeter aos vitoriosos.

Em meio às rivalidades, porém, subsiste o costume de alternância no poder entre os kaimé e os kairu, os dois grupos em que se dividem as aldeias.

As disputas por questões partidárias ganharam espaço nas comunidades indígenas há cerca de 10 anos. Para Jussara Rezende Capucci, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) da Região Sul, a política partidária é mais um fator de desagregação entre os caingangues.

— Os grupos que disputavam o po-

der nas aldeias não eram necessariamente antagonônicos, mas complementares. Sempre existiu um mecanismo de equilíbrio que garantia a alternância no poder. O branco passou a explorar essa dualidade para dividir, enfraquecer e dominar — diz Jussara.

Rituais incorporam dualidade entre grupos adversários

No principal ritual caingangue, o *Kiki*, os dois grupos estão representados de forma igual. Durante a cerimônia, os kaimé rezam pelos mortos kairu e vice-versa. Não é de bom agouro rezar pelos próprios defuntos. Na hora de servir a bebida ritual, os kairu oferecem o líquido aos kaimé e são servidos por eles.

Quando a alternância no comando da aldeia não se dava de forma pacífica, os atritos acabavam em pancadaria e até em mortes. Depois do

contato com o branco e da assimilação de valores do ideário cristão, as mortes deram lugar às expulsões.

Quando um cacique derruba outro, o grupo derrotado passa a sofrer retaliações ou parte para formar outra aldeia. Com o aldeamento fixo a que foi submetida a maioria da população indígena, a possibilidade de migrar para outro lugar tem diminuído, o que tende a agravar os conflitos.

Para Jussara, os líderes e os partidos políticos das regiões onde ficam as reservas indígenas usam a ambivalência da cultura caingangue em favor de interesses econômicos e eleitorais. Apesar de ser uma prerrogativa da cidadania, a participação em disputas eleitorais representaria para os caingangues um fator complicador na busca da união necessária para a sobrevivência como cultura autônoma.